

## Crónica 454 , Memórias de macau 1, maio 2022

Segundo os arqueólogos, Macau era habitada há seis mil anos. Na dinastia Ch'in Ch'ao Qin (248-206 a.C.) pertencia ao condado de Panyu, Nanhai (Guangdong). Em 1152, na dinastia Song do Sul, o governo uniu as ilhas (Nanhai, Panyu, Xinhui e Dongguan) no condado de Xiangshan de que Macau passou a fazer parte. Entre 1368-1644 (Dinastia Ming), pescadores de Cantão e de Fujian, construíram o Templo de A-Má e Mong-Há. O Templo de Kun lam, o mais antigo, seria aqui. Em 1554, o governo autorizou os portugueses a negociar em Langbai e Haojing, o que facilitou a presença nos quatro séculos seguintes, mas estabeleceram-se ilegalmente sob o pretexto de secar a carga. Em 1555 os portugueses começaram a frequentar a ilha de Hèong-Sán (Heungshan Tchông-Sán, D. João), no Delta do rio das Pérolas. Na península um vistoso templo da deusa M-Nèong, A-Má, dava nome à Baía que aportuguesaram para Amacao. Vinte e seis anos depois era a Cidade do Nome de Deus, com todas “as liberdades, honras e preminencias que gozava a cidade de Évora” único entreposto no qual os chineses comerciavam com os japoneses (Macau, Factos e Lendas de Luís Gonzaga Gomes, Tip. Mandarin, Macau, out<sup>o</sup> 1979).

Em 1557, as autoridades chinesas autorizaram os portugueses a estabelecerem-se, concedendo-lhes certa autogovernança em troca de 500 taéis de prata de aluguer anual. Macau desenvolveu-se como entreposto para o comércio entre China, Japão e Europa com enorme prosperidade. A cidade atingiu o auge nos finais do séc. XVI e o início do séc. XVII. Para além de entreposto, Macau desempenhou papel fulcral na disseminação do Catolicismo e formação de missionários para o Extremo Oriente.

O Papa Gregório XIII criou, a Diocese (1576) cujos missionários desempenharam importante papel no intercâmbio cultural, científico e artístico com o Ocidente e na cultura e educação de Macau. Em 1583, os comerciantes criam o Leal Senado, símbolo do poder e governo local, a primeira Câmara Municipal, para proteger o comércio, estabelecer ordem e segurança e resolver problemas quotidianos.

A partir de 1623, Macau passou a ter Governador, mas o Leal Senado, continuou com autonomia até ao séc. XIX e a exercer um papel fundamental na administração da cidade. Em 1638-39, o comércio com o Japão foi interrompido, devido à política de isolamento do xógum Tokugawa Iemitsu, o que afetou a economia, que entrou em declínio. Numa tentativa de ocupar Macau e a transformar em colónia, Portugal encetou invasões depois da Guerra do Ópio (1839-42) e foi subscrito o “Tratado de Amizade e Comércio Sino-Português (1887).”

Quando a China e Portugal restabeleceram relações diplomáticas (8 fev<sup>o</sup> 1979), acordaram que Macau era parte integrante da China, provisoriamente sob Administração Portuguesa. Em abril 1987, foi assinada, em Pequim, a Declaração Conjunta Sino-Portuguesa, que marcou para 20 dez<sup>o</sup> 1999 o regresso à pátria. Com a economia em rápido crescimento após a reunificação, tal como o símbolo tradicional, flor de lótus viçosa, Macau, desenvolve-se. O Rio das Pérolas desagua no Mar da China e banha, de um lado, Hong Kong, do outro, Macau. Por 1525, nasce, na pequena nobreza, um parente de Vasco da Gama, Luís Vaz de Camões (do fidalgo Simão Vaz e Ana de Sá Macedo) que vai para Macau (1556) como Provedor-Mor dos bens de defuntos e ausentes da China. Reza a tradição que esteve em Patane à beira-mar. Camilo Pessanha em “A Pátria” (7 junho 1924):

“A vitalidade das tradições lendárias depende de dois requisitos. É necessário que o objeto a que se referem se imponha pela sua grandeza à admiração contemplativa de todos os tempos. É-o igualmente que a própria tradição seja adequada a esse objeto... Resta ponderar se Macau, ligada ao Distrito de Hèong-Sán, tem qualidades que a recomendem para andar associada à memória da epopeia e à biografia do poeta sublime que a cantou.”

Voltando à lenda:

“Camões despediu-se da gruta de Patane, que escutara o eco dos sonhos, e apresentou-se ao Capitão da Nau de Prata. Interrogado sobre o papel enrolado que levava, Camões respondeu que era toda a sua fortuna, “Os Lusíadas”, escritos na gruta, com toda a alma e saudade de português, injustamente privado da pátria, maior tesouro e companheiro de infortúnio”.

Da amurada da nau, Camões ouviu uma voz de mulher que o interrogava sobre a sua tristeza. Tin-Nam-Men (“Porta da Terra do Sul ou Paraíso”) nativa de Patane, em quem nunca tinha reparado, apesar da extrema beleza. Tinha observado Camões, durante muito tempo, sem se lhe falar. Perdidamente apaixonada, tinha-o seguido ao barco e partiu com o poeta. A Nau de Prata afundou-se na foz do rio Mekong, e as mulheres foram num batel e os homens salvaram-se a nado. Camões, de braço no ar com Os Lusíadas, nadou até terra, mas o batel onde ia Tin-Nam-Men foi engolido pelas ondas. Foi à bela Dinamene, como o poeta lhe chamou, que dedicou “Alma minha gentil, que te partiste” e “Ah! Minha Dinamene! Asi deixaste.”

ah, minha Dinamene asi deixaste quem não deixara nunca de querer-te!	alma minha gentil, que te partiste tão cedo desta vida, descontente,
---	---

ah, ninfa minha, já não posso ver-te,  
tão asinha esta vida desprezaste!  
como já para sempre te apartaste  
de quem tão longe estava de perder-te?  
puderam estas ondas defender-te  
que não visses quem tanto magoaste?  
nem falar-te somente a dura morte  
me deixou, que tão cedo o negro manto  
em teus olhos deitado consentiste!  
ó mar! ó céu! ó minha escura sorte!  
qual pena sentirei, que valha tanto,  
que ainda tenho por pouco o viver  
triste?

repousa lá no céu eternamente  
e viva eu cá na terra sempre triste.  
se lá no assento etéreo, onde subiste,  
memória desta vida se consente,  
não te esqueças daquele amor ardente  
que já nos olhos meus tão puro viste.  
e se vires que pode merecer-te  
alguma cousa a dor que me ficou  
da mágoa, sem remédio, de perder-te,  
roga a deus, que teus anos encurtou,  
que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
quão cedo de meus olhos te levou.

Macau induz a promessas de riqueza que atraíram George Chinnery (1774-1852) vindo de Calcutá em 1825, aqui ficou os restantes 27 anos de vida, tornando-se no mais célebre pintor. Durante a Segunda Guerra, o russo George Vitalievich Smirnoff (1903-1947) refugiou-se em Macau (1943) e o pintor macaense Luís Demée aprendeu com ele. Outros encantados pelos sortilégios orientais deixaram um considerável espólio literário: Manuel da Silva Mendes (de Famalicão, chegou 1901, morreu 1931), Camilo Pessanha (n. em Coimbra 1867, em Macau após 1894, ali faleceu 1926). Há um macaense, muito esquecido, Luís Gonzaga Gomes (falecido em 1976, 69 anos) autor de inúmeras obras. No 15º Colóquio (2011) lhes rendemos preito e a Graciete Batalha (1925-1992), Adé dos Santos Ferreira (1919-1993), Deolinda da Conceição (1914-1957), Henrique Senna-Fernandes (1923-2010), Rodrigo Leal de Carvalho (1932) e outros.

Este ChrónicAçores pretende a revisitação do mito do Oriente sem ser épica.

Como dizia Mallarmé “O mundo é feito para acabar num belo livro.” A experiência da viagem como deslocação no espaço e no tempo, esteve intimamente ligada à escrita, e a partir do séc. XIX nasce a “Viagem ao Oriente” espaço mítico, encantado de orientes fabulosos e mágicos onde os ocidentais projetam sonhos, etapa da iniciação espiritual, quiçá topográfica e topológica, à moda da velha Grécia com apropriação empírica, sensorial e intelectual do lugar. Decorrem no imaginário dos autores e nas pátrias inventadas, países mentais e utopias que visam retratar. Maria Alzira Seixo escreveu: "a escrita de viagem não pode ser encarada de modo global: há tantas escritas de viagens como sensibilidades históricas, culturais e estilísticas (in Seixo, Maria Alzira (1998)Poéticas da Viagem na Literatura, Lisboa, Ed. Cosmos, 1998, 135)"

Chrys Chrystello, [drchryschrystello@journalist.com](mailto:drchryschrystello@journalist.com)  
Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713  
[Australian Journalists' Association - MEEA]

Diário dos Açores (desde 2018)  
Diário de Trás-os-Montes (desde 2005)  
Tribuna das Ilhas (desde 2019)  
Jornal LusoPress Québec, Canadá (desde 2020)  
Jornal do Pico (desde 2021)

